ACIONISTAS, EXECUTIVOS E A LÓGICA DO CURTO PRAZO

1. INTRODUÇÃO

No livro “23 Coisas que Não Nos Contaram Sobre o Capitalismo", o economista Ha-Joon Chang questiona e faz provocações com as ideias que foram transformadas em “verdades absolutas” dentro do capitalismo, principalmente aquelas que são relacionadas ao funcionamento das grandes empresas e ao papel do mercado financeiro. No capítulo “A gestão das empresas não deve estar voltada para o interesse dos seus donos”, o autor critica a ideia de que os acionistas devem ser tratados como prioridade máxima das corporações, defendendo que essa lógica favorece ganhos imediatos, enfraquece os investimentos produtivos, aumenta a desigualdade e compromete o futuro das próprias empresas. Ao longo do texto, o autor mostra que muitas práticas vistas como naturais no capitalismo atual são construções históricas criadas para atender interesses específicos do mercado financeiro. Como afirma o autor:

> “Administrar empresas visando aos interesses de acionistas instáveis não apenas é injusto como também ineficaz, não apenas para a economia nacional, mas também para a própria empresa. [...] A maneira mais fácil de uma empresa maximizar o lucro é reduzindo os gastos, já que aumentar a receita é mais difícil — diminuindo os gastos com salários por meio da redução de empregos e reduzindo os gastos com capital minimizando os investimentos.” (CHANG, 2013, pp. 65 – 70).

Assim o capítulo mostra que a centralidade do acionista não surgiu de forma natural dentro do capitalismo, mas aconteceu com mudanças históricas que transformaram a relação entre propriedade e gestão das empresas. O autor também mostra o fortalecimento da lógica financeira nas corporações modernas, já que a obsessão pelo lucro imediato incentivou práticas como demissões, cortes de investimentos e valorização artificial das ações, prejudicando trabalhadores, fornecedores e até a capacidade de crescimento econômico no longo prazo.

2. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CENTRALIDADE DO ACIONISTA

Ao analisar a origem desse modelo econômico, Chang apresenta um panorama histórico sobre a criação da “responsabilidade limitada”, no século XIX. Antes disso, caso um empresário falisse, poderia perder todos os seus bens pessoais e até ser preso. Com a nova regra, o investidor passou a perder apenas o valor aplicado nas ações, mantendo protegido seu patrimônio individual. Essa mudança transformou profundamente o capitalismo, pois

possibilitou a concentração de grandes quantidades de capital para financiar indústrias e ferrovias. (CHANG, 2013, p. 66).

O autor demonstra que essa transformação também provocou a separação entre os proprietários e os administradores das empresas. Karl Marx percebeu que os acionistas já não eram responsáveis diretos pela produção (MARX, 2017, cap. 27), enquanto economistas como Schumpeter e Galbraith consideravam natural que grandes corporações fossem administradas por gestores profissionais (SCHUMPETER, 1982, p. 45) (GALBRAITH, 1978, p. 112). Dessa forma, Chang argumenta que a ideia de que a empresa deve existir exclusivamente para beneficiar acionistas não representa uma lei natural da economia, mas sim uma construção histórica recente, fortalecida principalmente a partir da década de 1980 (CHANG, 2013, p. 67).

Segundo o autor, essa lógica levou executivos a priorizarem lucros imediatos e a valorização rápida das ações, muitas vezes reduzindo investimentos em tecnologia, inovação e crescimento de longo prazo. Casos observados em grandes empresas demonstram que a priorização da recompra de ações em detrimento de investimentos produtivos pode reduzir a competitividade e comprometer a sustentabilidade do negócio. Dessa forma, Chang argumenta que trabalhadores e fornecedores tendem a possuir um compromisso mais duradouro com o futuro da empresa do que acionistas focados em retornos de curto prazo. (CHANG, 2013, p. 69).

3. CONSEQUÊNCIAS DA MAXIMIZAÇÃO DO VALOR DO ACIONISTA

A partir da década de 1980, fortaleceu-se a ideia de que o principal objetivo das empresas deveria ser gerar lucro imediato para os acionistas. Segundo Ha-Joon Chang, isso criou uma aliança entre executivos e investidores, já que a remuneração dos gestores passou a depender diretamente da valorização das ações (CHANG, 2013, p. 68). Com isso, o crescimento saudável e duradouro das empresas perdeu espaço para decisões voltadas ao ganho rápido no mercado financeiro. Enquanto executivos recebiam salários e bônus cada vez maiores, acionistas eram beneficiados por dividendos e recompras de ações que elevavam artificialmente o valor das empresas. Essa lógica, baseada na crença de que o interesse material individual levaria à eficiência, acabou incentivando comportamentos oportunistas, resultando em ganhos desproporcionais para gestores sem um aumento correspondente na produtividade real das empresas (CHANG, 2013, p. 70).

O autor mostra que essa lógica trouxe consequências negativas para trabalhadores e para a própria economia. Para aumentar os lucros, muitas empresas passaram a cortar empregos, reduzir direitos trabalhistas e buscar mão de obra mais barata em outros países. Ao mesmo tempo, investimentos importantes em inovação, tecnologia e modernização foram deixados de lado. Um caso emblemático desse problema ocorreu quando uma grande montadora norte-americana gastou bilhões na recompra de suas próprias ações, enquanto perdia competitividade e enfrentava uma grave crise financeira que culminou em sua falência em 2009 (CHANG, 2013, p. 71).

Essa estratégia de curto prazo, que direcionava recursos para recompras de ações e distribuição de dividendos em vez de investimentos produtivos, questiona a ideia de que aquilo que beneficia acionistas e executivos necessariamente beneficia a empresa ou a economia como um todo. Para Chang, o foco excessivo nos retornos imediatos dificulta projetos de longo prazo, justamente aqueles que impulsionam inovação, desenvolvimento tecnológico e crescimento sustentável (CHANG, 2013, p. 72).

Além disso, a busca incessante pela valorização das ações levou muitas empresas a adotarem políticas de redução de custos que transferiram parte dos riscos econômicos para os trabalhadores. Demissões, terceirizações e flexibilização dos contratos de trabalho passaram a ser justificadas como medidas de eficiência, embora frequentemente resultassem em maior insegurança e instabilidade para os empregados. O autor também questiona a promessa de que a concentração de riqueza nos grupos mais favorecidos geraria benefícios para toda a sociedade, argumentando que o aumento da desigualdade ocorreu paralelamente à desaceleração do crescimento econômico em comparação com décadas anteriores (CHANG, 2013, p. 73).

Chang critica justamente a contradição desse modelo: os acionistas passaram a ser tratados como prioridade absoluta, mesmo sendo os menos comprometidos com o futuro da empresa, já que podem abandonar o negócio rapidamente ao vender suas ações. Enquanto isso, trabalhadores e fornecedores permanecem diretamente ligados às consequências das crises e da instabilidade econômica (CHANG, 2013, p. 69).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o capítulo desenvolve uma crítica importante ao modelo empresarial centrado exclusivamente nos interesses dos acionistas. Embora esses investidores sejam formalmente os proprietários das empresas, muitos possuem uma relação instável e imediatista com o negócio, priorizando lucros rápidos e valorização das ações em vez da sustentabilidade da organização no longo prazo. A análise de Chang permite compreender que a maximização do valor do acionista não é uma estratégia isolada, mas parte de um modelo econômico mais amplo, caracterizado pela predominância das finanças sobre a produção, que enfraquece investimentos produtivos, amplia desigualdades e reduz a capacidade de inovação das empresas (CHANG, 2013, p. 74).

Nesse contexto, a maximização do valor do acionista pode se tornar não apenas ineficiente, mas também injusta. Enquanto acionistas podem retirar seus investimentos diante de resultados insatisfatórios, trabalhadores, consumidores e a própria sociedade permanecem diretamente afetados pelas consequências das decisões corporativas, como cortes de custos, precarização do trabalho e redução de investimentos em inovação e crescimento. Assim, os grupos mais impactados acabam tendo menos influência do que aqueles interessados principalmente em retornos financeiros imediatos. Alguns casos no meio empresarial evidenciam as limitações de um modelo focado exclusivamente na maximização do valor para os acionistas, especialmente quando se considera a sustentabilidade das empresas no longo prazo.

Essa análise dialoga com outras críticas desenvolvidas por Chang ao longo da obra, especialmente aquelas que questionam a crença de que o mercado financeiro é naturalmente eficiente e de que a busca individual pelo lucro sempre produz os melhores resultados para a sociedade. Dessa forma, o texto leva à reflexão de que empresas não devem ser administradas apenas para atender expectativas de lucro de curto prazo, mas sim buscar um equilíbrio entre as diferentes partes envolvidas. Uma gestão mais equilibrada, capaz de considerar interesses econômicos, sociais e produtivos, tende a gerar organizações mais sólidas, sustentáveis e socialmente responsáveis no longo prazo (CHANG, 2013, p. 75).

REFERÊNCIAS

CHANG, Ha-Joon. 23 coisas que não nos contaram sobre o capitalismo. Tradução de Clóvis Marques. São Paulo: Cultrix, 2013.

GALBRAITH, John K. O Novo Estado Industrial. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Original: "The New Industrial State", 1967)

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1982. (Original: "The Theory of Economic Development", 1911)

Texto escolhido e elaborado pelos estudantes:

- Antônio Lopes da Silva
- Denis Rodrigo Domingues
- Felipe Koguishi Boni
- Heverthon Santos Barreto
- José Guilherme Catanante Leal Vilela
- Murilo da Silva Medina Rizzo
- Paulo César Heliodoro de Menezes
- Ryan Henrique Lopes Santana
- Samuel Arenhart

Tema escolhido e elaborado pelos estudantes com base nas aulas da disciplina de **Prática Extensionista I**, ofertada no 1º semestre de 2026, referente ao projeto de extensão ***"Entendendo a Economia: Oficinas de Leitura, Análise de Dados e Educação Financeira",*** coordenado pelo professor Dr. Odirlei Fernando Dal Moro.

Orientação Docente: corrigido e orientado por Prof. Dr. Odirlei Fernando Dal Moro – Docente do curso de Ciências Econômicas, ESAN/UFMS.

Ano da Publicação: 2026.